

Os que fogem seguem alguns, e os que sam mais valentes que se veem a elles, aguardam n'os com muito bomtento e quando chegam a elles para os levar furtam-lhes o corpo, e ao passar dam lhes nas pernas com um instrumento da maneira dos que usam os magarefes, ainda que maior, e como sam animaes grandes com o peso com pouca cousa que cortam do pé lh'o quebram e cahem.

E n'estas arremettoduras que fazem os elephants muitas vezes os colhem e fazem em pedaços senão sam muito dextros, e os que fogem depois de cançados volvem ao caçador que da mesma maneira os mata.

Fazem tambem umas sebas de grandes ramos de arvores em logares acomodados e em riba de uma arvore que na mesma sebe está penduram por uma corda um páu de comprimento de dois covados de grossura conveniente por uma ponta, e na outra lhe mettem em um buraco que lhe fazem um delgado bem agudo e cheio de herva que chamam de besteiro e a corda em que este páu está, está presa esta tambem no chão em uns páus como o que lí chamamos alçapé em tal maneira que pondo o elephanto o pé n'elles solta a corda e o páu vem de riba com força e com o hervado lhe dá pelo espinhaço e o mata, e se não cabe logo não vae muito longe¹.

cionall, porque se lhes dizem «mata aquelle ou faze isto ou estoutro» asy o fazem.

«Da maneira que tem pera os tomarem quando andam no mato bravos.

«Quando querem tomar algum alifante bravo tomam uma fema mansa, e fazem huma cova muito grande onde quer que o alifante anda, e tapam-lhe a boca com mato, e dizem aquella fema «vay, e se achares algum alifante traze-o junto d'esta cova, de maneira que caya elle dentro, e tu guardate nom cayas.» Vayso emtam e asy como lho mandam asy ho faz, e depois que o topa ha o de trazer de maneira por ali que ha de cair dentro, e a cova he de tall altura que jamais elle por sy pode sair.» *Roleiro da Viagem de Vasco da Gama.* pag. 113 e 114.

¹ É o mesmo o processo empregado tres seculos depois. Compare-se a descripção do padre André Fernandes com a que o major

Pons, A. de Paiva e
 Dos primeiros trabalhos dos portugueses no Roumontape.
 O Padre D. Gonçalo da Silveira, 1560
 Sociedade de Geographia de Lisboa. Lisboa, 1892

N'estas armadilhas tambem matam os rhinoceros que dizem ser mais bravo animal que todos, e perto donde eu estava cahiu em uma d'estas armadilhas um.

Ha tambem entre elles muitos tigres e onças e alguns leões e toda veação e em parte se mantem muitos da caça que estes animaes matam e deixam, digo leões e tigres.

É esta gente muito dada a prazeres de cantar e tanger. Seus instrumentos sam muitas cabaças liadas com cordas e um páu feito em arco algumas grandes e outras pequenas e as bocas a qual com uma casca de mel silvestre apegam os buzios para que tonem bem e teem suas contras fabordões etc.

Dam musicas de noite ao rei e a quem lhe dá alguma cousa e os que móres brados dam teem por melhores musicos.

As cantigas que cantam communmente sam o louvor do a que cantam, s. «És bom homem porque uma vez me deste isto, outra estoutro e me darás mais».

Gamitto faz dos laços de caça para o cavallô marinho armados no Aruangoa.

«Os caçadores acampam na proximidade das lagoas em sitio donde possam observar os seus movimentos e todos os dias já com alto sol vam visitar os caminhos ou trilhos dos cavallos marinhos sobre os quaes em arvores altas armam laços com uma corda fina cuja extremidade prendem a um toro de madeira que fica sobranceiro ao caminho: na parte inferior do tóro está um ferro hervado de duas a tres pollegadas de comprido com a ponta farpada e ligeiramente cravado no lenho; a corda que o segura dá uma volta de correr n'uma perna da arvore enquanto a outra extremidade vem segurar onde prende um delgado pau que atravessa o trilho seguro a duas estacas na altura de palmo e meio do chão. Quando o animal passa como não póde saltar por cima por ter as pernas muito curtas quebra o pau atravessado, o que é quanto basta para desprender a corda e cair-lhe sobre as espaldas o lenho que pelo seu peso lhe crava no corpo o pequeno ferro, o qual estando ligeiramente unido ao toro se separa d'este que cahe no chão. Então o animal impellido pelo susto e pela dor foge para a agua o que accelera o effeito do veneno, e no fim de 24 horas apparece boiante. *Muata-Cazembe* p. 15!»

Duas sam muito continuas entre elles que sam, uma: « Abonezaganbuia » que quer dizer os portuguezes comem muitas cousas juntas ou muitas iguarias, porque elles não costumam comer mais que uma e emquanto comem não bebem nem quando bebem não comem, não por temperança, mas por costume.

As vezes teem festa de beber que dura tres, quatro dias sem comerem. O seu vinho é de frutas do matto, e de toda a maneira de mantimento que comem fazem que bebem a que sam muito afeiçoados e bebe um d'elles tanto como tres allemães.

E outra cantiga é: Gonbe zuco virato ambuze capana virato » que quer dizer: a vacca tem couro para sapato e a cabra não tem couro para sapato, não porque elles andem calçados porque nenhum anda senão se tem os pés doentes debaixo, e se ha de andar por matto aspero então fazem umas solas de couro da vacca que poem debaixo dos pés liadas com umas correas.

E seu bailar é representar os autos da guerra todos, assim cercos como ser cercado, batalhas campaes, vencer, ser vencidos, tomar lenha, agua por força, e assim o demais que em ella acontece e tudo muito proprio.

E a maneira como se vestem para esta festa é a mais louçan que para nenhuma festa e para isto teem pennas de animaes, que não sejam muito largas, compridas com os rabos e atam-n'as de redor de si para que quando dam umas voltas sobre um pé que dam muito ligeiras, façam grande roda e quando sahem do posto um ou dois sahem com tanta ligeireza que é maravilha; e com o pé lançam areia tam alto que parece a quem o não viu que se não pode crer, e isto logo fazem tambem quando alguma pessoa grande morre.

Sam grandes comedores de carne e do demais; mas de carne especialmente, e dez comem uma vacca.

Os casamentos se fazem como compras e vendas porque uma mulher vale tanto como uma vacca, e quando querem desfazem o casamento tornando o que a mulher custou e

um pode casar com muitas mulheres juntamente; só o parentesco de pae e filhos e irmãos e irmãs impede os ajuntamentos.

Para que as mulheres sejam castas tecm-se todos persuadido de tempo antigo que se alguma fizer n'esta parte o que não deve que morrerá ella e os filhos e ainda parentes, e para remediar isto quando acontece que sam muitos casos usam cousas que não se possam dizer e feitas ficam muito seguros.

E se o que pecar com mulher depois a quer, pagando o que custou dam lh'a livremente com boa vontade. Estas mesmas torpezas usam quando algum morre para lançar fóra o mal de que a familia ficou infeccionada que por serem taes as não digo.

Ninguem sabo quando algum morre nem onde se enterra confessa, fóra das pessoas a quem acêusar que é pae a filho, irmão a irmã ou parentes mais chegados.

Uma das cousas e mais principal porque esta cousa é tam secreta é por não serem lançados da conversação dos outros como pessoas que trazem a morte consigo.

E todas as mortes e enfermidades de uns dizem ser outros causa, e para isso lançam sortes, digo, para saber as enfermidades, as quaes são uns cauris fixados pelas costas e cheios de cera de vespas preta e tecm sorte e azar como nos dados, e estas lançam com muitos que é mais difficuloso de saber e com poucos, de que ha officiaes.

E quando um está doente manda lançar as sortes depois que paga ou promette para saber de que é enfermo e sahe a sorte que porque fez de comer em uma panella velha ou dormiu em esteira velha ou tocou cousa de algum morto.

Sabida a causa diz o enfermo que saiba com que sorá são e toma em sua vontade uma arvore ou herva e se a sorte sahe que não é aquella boa, toma outra até que acerta a sorte.

Então vae buscar a herva ou folhas e pisa-as e com aquelle summo e com agua misturada molha a parte enferma ou todo o corpo e as cousas da casa que lhe disse a sorte que era causa da enfermidade.